

# CAPITALISMO E IRRACIONALISMO: ESBOÇOS DO DESENVOLVIMENTO DE UMA IDEOLOGIA DO CAPITAL

Marcelo Micke Doti\* e Sinclair Mallet Guy Guerra\*\*

## INTRODUÇÃO

Todo sistema socioeconômico evidencia a existência de luta de classes e, portanto, a posse privada e não social dos meios necessários à reprodução das necessidades humanas. É inevitável, então, a existência de contradições. Essas contradições entre a forma privada da apropriação do excedente produtivo e a continuidade do sistema que necessita, para existir, de todas as classes, podem ser controladas de diversas maneiras e assumem as mais diversas formas. Em outros termos, em todo sistema socioeconômico amparado sobre a existência de classes sociais, surgem contradições entre a apropriação econômica da sociedade feita por uma classe e a necessidade de continuar a reprodução social desse sistema, e, para isso, é necessário manter a estrutura de classes e, com estas submetidas, é necessário dividir parte do produto social para que ela continue existindo. É a garantia de que, no tocante à reprodução econômica, esse sistema vai se manter. Mas essa classe submetida deve ser controlada por meio de injunções não econômicas apenas. Entram aqui questões de formação de comple-

xos sociais que estão além da esfera econômica. São controles sobre a sociedade exercidos em benefício da classe que detém o excedente econômico em suas mãos. Esses controles são formas jurídicas, políticas, educacionais, culturais e ideológicas. Somente assim é possível garantir que determinado sistema socioeconômico se reproduza e mantenha sob seu jugo uma enorme maioria de despossuídos dos meios necessários à reprodução do sistema. As contradições são, assim, “amortecidas”, controladas, seja de forma velada e subreptícia, seja de forma direta por meio da força. Todos os instrumentos são necessários: a força desumana, o genocídio covarde, o militarismo absurdo, a enganação e estupidificação massiva, a exclusão, etc. E, quanto mais as contradições se revelam e se colocam como claramente evidentes, mais ainda, todos os meios necessários são utilizados, mesmo a mais absoluta negação do ato humano, a mais absoluta forma de elogio ao estranhamento e à alienação, a mais absoluta forma de desumanidade. É isso que o capitalismo faz ao gerir em suas necessidades reprodutivas o irracionalismo como forma ideológica.

Esse sistema vai, então, gerir todos os complexos sociais necessários à reprodução sobre a base central e hegemônica do capital como categoria econômica determinante de toda a sociedade. Porém, como todos os sistemas socioeconômicos, o capitalismo encontra limites que são marcados pelas contradições que vão aparecendo. É como se aos poucos a bela e garbosa fantasia do seu progressismo elegante e altamente revolucionário

\* Doutorando em planejamento energético pela Unicamp, em que apresentará, dentro em breve, sua tese de doutorado sob o título *Reprodução de capital e Energia*; mestre em filosofia pela Unicamp; professor universitário com diversas publicações, cujo tema central trata da dialética das relações sociais.

\*\* Professor Associado do Departamento de Energia da Unicamp; doutor pela Université Paris III, com diversas publicações sobre economia da energia e as relações sociais que lhe são atinentes.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.20.v0n44.2132>

fosse apresentando falhas, descosturas, uma falha de cerzimento, e, então, quando menos se espera, ei-lo quase despido e mostrando seus aspectos mais horríveis e tenebrosos, desumanos e estúpidos. É claro que a fantasia é muito bem costurada, e antes que o despir seja completo ocorrem cerzimentos, reformas, e o sistema vai se perpetuando. Mas é possível ver que o brilho inicial se perdeu, e já se percebe o tecido esgarçado, amarrotado. Ainda mais é possível pisar no tecido da fantasia através de ações de classe e colocar às claras seu conteúdo contraditório. Nesses momentos é que mais ainda o sistema tentará se constituir com todo o brilho possível e mostrar que não tem falhas e subjugar com a arrogância de quem é o centro da festa aquele outro que lhe tentou desmerecer a fantasia. Esse outro é o proletariado e os trabalhadores em geral que se metamorfoseiam também durante a história do sistema.

Dessa forma é que o capitalismo continua a sobreviver como sistema socioeconômico: continuamente tentando renovar sua fantasia. Quando não é possível ele retoca sua maquiagem e quando é necessário procura “colocar em seu lugar” aqueles elementos que lhe tentaram roubar a festa. Às vezes ele se modifica e com isso acaba fazendo “doce” amizades com os trabalhadores: mas sua essência é de destruição destes, não em seu corpo físico, já que são necessários como trabalhadores e consumidores, mas em sua ação de controle social sobre o capital. Nessas modificações o capitalismo acaba modificando também a própria classe dos trabalhadores.

Mas, ao contrário de outros sistemas socioeconômicos, o capitalismo tem uma força muito maior de se adaptar e de empurrar para a frente suas contradições – que são sistêmicas, ligadas à sua própria essência concentradora de riquezas de um lado e necessariamente perpetuante de uma dada estrutura de classes do outro – e de procurar suavizar e contornar seus antagonismos de classe. À medida que empurra para a frente as suas contradições sistêmicas, não dá um passo em falso e também se reproduz e produz novos mercados, suprimentos de matérias-primas, recursos energéticos, movimentações financeiras, ampliando seu leque de opções para a reprodução e contornando barreiras à sua reprodução. Trata-se de uma máquina poderosa de superação de suas próprias mazelas. Um

dos motivos que levam o sistema do capital a conseguir empurrar para a frente as suas contradições é sua maior capacidade de abarcar espaços e diluir-se pelo mundo comparado a sistemas socioeconômicos anteriores, cujas contradições não podiam ser superadas dessa forma, pois, entre suas limitações, estava a impossibilidade de estender-se por grandes espaços. Um sistema como o da economia romana não podia empurrar para a frente suas contradições, pois era impossível aprisionar escravos muito longe do império, pois o custo da distância não compensava o produto do aprisionamento.

Para cada etapa desse empurrar as contradições, exigem-se, por sua vez, modificações de toda a estrutura dos complexos que controlam a sociedade. Novas formas de controle sobre o elemento social se tornam necessárias. E esse controle se modifica com as alterações das questões estruturais, ou seja, de caráter reprodutivo. Aí aparecem também as modificações da ideologia do capital para o estágio em que ele se encontra.

A ideologia é a forma pela qual, em cada sociedade e em sua totalidade socioeconômica, uma parte dessa mesma sociedade organiza formas de controle que estão além dos aspectos envolvidos pelo complexo econômico, o qual inclui a troca orgânica do homem com a natureza e dos homens entre si, produzindo, reproduzindo, concentrando e espoliando excedentes em função dessa determinada parte ou classe. A ideologia é um complexo extremamente amplo, porém de força e vigor maior que o imaginado por aqueles que a concebem como mera “falsa consciência” e necessária para impor conjuntos mais ou menos organizados e coerentes de valores, imagens, imagéticas, imaginários, fantasias, formas de existência, hábitos de vida, etc. Estes dão identidade e afirmação para a vida de classes sociais – primeiro – e individualidades – depois. No caso do atual estágio do capital pode-se imaginar a força dessa ideologia em um sistema que só tem como limite o próprio mundo.

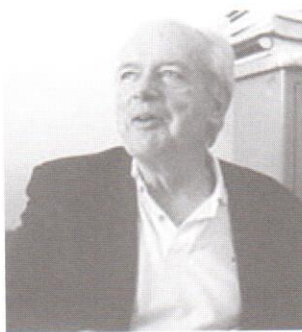
A ideologia é a forma pela qual, em cada sociedade e em sua totalidade socioeconômica, uma parte dessa mesma sociedade organiza formas de controle que estão além dos aspectos envolvidos pelo complexo econômico [...]

## LUTA DE CLASSES E O IRRACIONALISMO

Precisa-se, por alguns motivos bastante particulares, falar sobre classes sociais e a sua relação com a ideologia. Bastante particulares, pois a parte introdutória apenas chamou a atenção para questões de caráter ontológico. Eram questões imprescindíveis que precisavam ser colocadas para entender o capital e sua necessidade reprodutiva de um ponto de vista menos focado apenas sobre o seu momento histórico e mais no desenvolvimento do ser humano. Em outros termos, entender o capital como sistema de forças produtivas do desenvolvimento do ser social que só pode se tornar ser histórico a partir de sua totalidade como sistema socioeconômico, ou seja, com todos os seus complexos sociais, inclusive o ideológico. Agora é preciso particularizar a questão e perceber as classes sociais e os seres humanos empíricos existentes fazendo a história e o desenvolvimento desse sistema e a relação desse poder de classes com as questões ideológicas.

Acima, mencionou-se a questão importante sobre o capitalismo e sua categoria central de desenvolvimento socioeconômico que é o capital. A existência deste como categoria que articula a sociedade e acaba por permear todos os poros sociais teve momentos fundamentais de elevação das forças produtivas. É o caso do processo de ascensão da burguesia como classe e toda a sua postura ideológica progressista. Essa ascensão que durou séculos acaba por se consolidar no século XIX. Nesse momento histórico a consolidação da burguesia se afirma através dos mais variados processos sócio-históricos: revoluções, reformas, etc. Todos esses processos dependem de condições históricas locais onde cada burguesia – a classe social condutora do capital – se

projetou no contexto socioeconômico. É sem sombra de dúvida inquestionável que ao longo do século XIX a burguesia vai consolidando seu poder e afirmando no mais amplo contexto do ser social as forças produtivas do capital e a elevação do potencial humano.



Leandro Konder

lo XIX a burguesia vai consolidando seu poder e afirmando no mais amplo contexto do ser social as forças produtivas do capital e a elevação do potencial humano.<sup>1</sup> Esses processos socioeconômicos acabam por levar à hegemonia social no plano ético e, portanto, também no ideológico, uma concepção burguesa do homem.

A história dos últimos seis ou sete séculos tem sido a história da formação (e das transformações) do que passaremos a designar, nas páginas que se seguem, como o homem burguês. Uma história que nos põe diante da elaboração de um ideal – o dos indivíduos autônomos, empreendedores e competitivos – e diante da longa e complexa luta que veio sendo travada para criar as condições necessárias à autonomização dos indivíduos, em geral.<sup>2</sup>

É assim que Leandro Konder abre seu livro que vai traçar um breve painel de um projeto histórico e ideológico de afirmação de uma classe e, junto com essa afirmação, todo um processo de elevação das potencialidades produtivas.

Porém, ao longo do próprio século em que a burguesia, após séculos de consolidação de uma postura ética – insiste-se que é, então, também uma postura ideológica; tais posturas visam a influenciar a sociedade em seu conjunto e, dessa maneira, exercer formas de controle sobre a sociedade –, finalmente se afirma no poder, começa seu processo de “mistificação” social, processo de refluência de sua postura social e humana. Essa refluência é o processo de decadência ideológica da burguesia. Claro que esse processo pode ser evitado através do antagonismo de classes e na luta social, onde uma outra classe consiga impor a sua própria postura de classe e que se apresente como um processo e um projeto mais social e mais humano que o anterior. Essa deveria ser a postura do proletariado. Mas isso é, como afirmado acima, uma luta de posições diferentes de classes onde uma série de vicissitudes pode ocorrer: acordos, conciliações, etc. No caso das vitórias da burguesia que até hoje têm sido determinantes<sup>3</sup> verifica-se um constante processo de imposição de sua decadência ideológica, conduzindo ao irracionalismo como expressão mais acabada de sua postura ética. E veja-se bem: não era uma *necessidade* que isso fosse assim. No

processo de empurrar para a frente as contradições do sistema – estas sim *necessárias* – a burguesia preferiu abandonar seus ideais seculares (“humanidade”, “igualdade”, “individualidade”, etc.) e se colocar na sua limitada postura socioeconômica de classe. Abandona, como afirmado, uma postura dita “humana” em benefício da reprodução do capital. Trata-se de um processo que poderia ter sido outro dependendo das forças sociais contrárias e de oposição à burguesia e da própria opção da classe em defender os seus interesses. O elemento político aqui se insinua como a *não-necessidade* de determinada ação.

Depois da consolidação burguesa, portanto, as determinações históricas começam a mudar. A ideologia progressista que justificava as mudanças históricas e que era o elemento ideológico da transformação de uma formação social em seus elementos políticos, jurídicos, legais, culturais, etc. para o surgimento de outra formação e ordem social em todos esses mesmos elementos, essa ideologia, agora, cai por terra e perde o sentido. A história perde seu sentido de progresso. O mesmo acontece com a totalidade que desaparece do horizonte ideológico, tanto como projeto social de mudança como do conteúdo mesmo das disciplinas e das áreas do conhecimento.<sup>4</sup> A sociologia aparece nesse momento como disciplina autônoma e com a função de corrigir os defeitos sociais em uma clara fórmula cientificista e mecanicista, em uma fórmula medicinal, que isola os elementos sociais de todos os outros problemas e objetivações históricas do ser social.

A partir da decadência ideológica e ética da burguesia como forma histórica que assume sua luta social e de afirmação no poder é que se definem dois elementos novos no conteúdo de sua também nova postura ideológica: a *perda da totalidade* e a *fragmentação* como o essenciais do irracionalismo que vai cada vez se definindo mais e melhor. Esses dois elementos são marcas centrais até hoje do capital em sua fase global.

A burguesia, após a sua consolidação no poder e nos processos hegemônicos da sociedade, passa a prescindir, portanto, da totalidade; essa categoria perde o valor pois não mais é necessária a totalidade da concepção da sociedade: não é necessário mais mudar o que, agora, já está mudado.

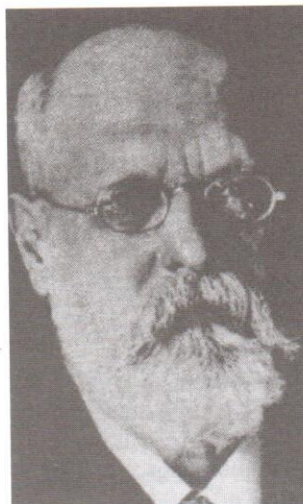
Importante: a totalidade não é um conceito, é a categoria do real. Quaisquer formas do real, desde as mais simples e singulares até as mais complexas, só se objetivam, só se colocam no mundo como totalidade de determinações. Na conhecida passagem de Marx, o “concreto só é concreto, pois é a síntese de múltiplas determinações”, a totalidade é a concretude do social como ser histórico... Podem-se selecionar as mediações e as determinações de um estudo para que este se torne preciso, mas a realidade só é (portanto, *ser*) enquanto totalidade. Essa é a grande contradição do capital atual: um *capital mais total e mais integrado*<sup>5</sup> que nega ideologicamente a totalidade. É um capital que produz um espaço fluido e desterritorializado, mais complexo, porém total. Negar a existência da totalidade já seria um contra-senso ontológico, pois o ser só é total. No atual estágio de desenvolvimento do capital essa negação só pode ser consciência social de classe, ou seja, só pode ser ideologia que procura esconder que essa totalidade do capital é cada vez mais contraditória.

Outra questão de classe, no entanto, se apresenta também. Foi afirmado anteriormente que a burguesia se impôs como classe e que o elemento necessário na história era apenas a elevação das forças produtivas que o capital trazia. Essa imposição como classe está determinada no jogo das lutas travadas dentro do campo das *liberdades* ainda que sejam mediadas por toda uma série de aspectos como a força econômica da burguesia – necessária –, a sua força militar, etc. que lhe conferem muito mais poder diante do antagonismo dos trabalhadores. Mas dentro desse campo de lutas a burguesia teve de enfrentar tal antagonismo, e nesse enfrentamento sempre existe um campo de possibilidades de transformações e, até mesmo, vitórias parciais. Assim é para esse outro pólo das classes que se tem que olhar para entender como o irracionalismo se afirmou e se consolida cada vez mais: como os antagonistas à burguesia se portaram e até contribuíram para a afirmação dessa ideologia.

Aqui vai-se entrar no cenário do capital e seus desenvolvimentos no final do século XIX e suas con-

A burguesia, após a sua consolidação no poder e nos processos hegemônicos da sociedade, passa a prescindir da totalidade [...]

quistas imperialistas. Nesse cenário de capitalismo avançando sobre novas fronteiras geográficas, pode-se verificar que este vai aos poucos se consolidando fortemente nos países centrais e empurrando para a frente os seus problemas e contradições reprodutivas. O capital se consolida e empurra para a frente suas contradições, pois novas possibilidades de acumulação e reprodução se colocam e não apenas com os mercados consumidores coloniais, novas fontes de suprimento material, etc. Novas possibilidades se abrem com os aspectos de volatilidade financeira. A consolidação de um capital industrial e bancário remete para as possibilidades de financiar os investimentos a partir do enorme acúmulo desse crédito bancário que a nova etapa do capital tem diante de si.



Kautsky

Do ponto de vista daquilo que se está desenvolvendo em outro trabalho —<sup>6</sup> as *formas do real*—,

o capital prolonga-se em sua sobrevida reprodutiva empurrando para a frente suas contradições e sua possibilidade de reprodução e também se insere cada vez mais na realidade como transformador dessa mesma realidade. Seus espaços geográficos de reprodução, por exemplo, não são mais os espaços simplesmente existentes da nação onde se desenvolve. Ainda que no caso do imperialismo exista a reprodução fortemente amparada em um Estado militarista que a garanta, o elo completo, a cadeia, a articulação com-

pleta só se realiza através do espaço geográfico estendido às colônias. Isso implica mediações e determinações em que o capital se torna mais complexo, totalidade mais integrada e abrangente. Em tal totalidade o conhecimento sobre sua forma de reprodução, seu *modus operandi*, se torna também mais complexo e amplo, mas não impossível. Do ponto de vista dos espaços agigantados da reprodução e dos enormes espaços urbanos que sur-

gem, tem-se uma percepção humana, uma *consciência sensível* sobre o real deslocada da representação do imediato. Não se pode mais perceber o espaço de reprodução da vida coincidindo com o espaço da reprodução econômica. Essa representatividade espacial ficará muito clara na arte moderna e suas impossibilidades de conceber o real apenas como o imediato.<sup>7</sup>

Esse novo quadro socioeconômico levará, no plano da consciência, às frustrações de entendimento da vida dentro do marco econômico local e também a um desespero de

entendimento das novas relações sociais, políticas e culturais ampliadas pelo espaço. Esse desespero estará na base de uma certa sensibilidade para o irracional como impossibilidade de entender relações produtivas e sociais tão amplas. No panorama da globalização essa maior dificuldade de acesso à totalidade ampliará drasticamente a consciência social desse desespero. As questões de existência se colocam aqui de forma muito clara.

No panorama das lutas de classe e do reflexo dessas no desenvolvimento do irracionalismo, temos de entender o papel que representou a Segunda Internacional e suas teorias como forma ideológica explicitada de perda de poder para o avanço da ideologia da burguesia decadente.

## O MARXISMO DA SEGUNDA INTERNACIONAL

O que se pretende aqui não é acusar a Segunda Internacional de contribuir ideologicamente com a burguesia de forma explícita e direta. Isso seria um contra-senso. Porém, no terreno da teoria e, principalmente, no campo da luta de classes, que é um campo de luta variado e complexo (envolve tanto aspectos essenciais, portanto de cunho ontológico e categorial, como aspectos políticos e conscientes da luta; é isso que se colocou anteriormente em uma nota quando foi mencionada a dialética entre *necessidade e liberdade*), mesmo aquilo que não se apresenta pode ser entendido posteriormente à realização da luta como arma concedida ao adversário. Semelhante a uma luta empírica ou a um jogo como o de futebol, um golpe não dado, um gol não

O capital se consolida e empurra para a frente suas contradições, pois novas possibilidades de acumulação e reprodução se colocam e não apenas com os mercados consumidores coloniais, novas fontes de suprimento material, etc.

feito, deve ser interpretado como a chance de vitória do adversário.<sup>8</sup> No quadro do desenvolvimento do capitalismo como apresentado anteriormente, a Segunda Internacional respondeu a um enfraquecimento das classes trabalhadoras. Esse enfraquecimento se revelou tanto nas suas ações – como o partido de Kautsky ao votar os créditos de guerra e ali pôr um fim ao internacionalismo dos trabalhadores e jogar a luta internacional na lata do lixo histórica por quase um século com pequenos e esporádicos epifenômenos – quanto na teoria que a Segunda Internacional desenvolveu como aspecto conjunto desse campo de ações. Aquilo que não se faz deve ser interpretado como espaço cedido ao adversário. É nesse aspecto que a Segunda Internacional cedeu espaço à burguesia e à sua ideologia.

Analisa-se brevemente aqui os aspectos teóricos conjuntos às ações da Segunda Internacional e relacionam-se a esses aspectos tanto a postura contrária de Lukács como o campo aberto à ideologia burguesa.

Analisa-se brevemente aqui os aspectos teóricos conjuntos às ações da Segunda Internacional e relacionam-se a esses aspectos tanto a postura contrária de Lukács como o campo aberto à ideologia burguesa.

O marxismo da Segunda Internacional vai acabar se afirmando como fragilidade teórica para enfrentar os novos problemas colocados pela luta de classes, agora no plano internacional, pela sua ausência de entendimento filosófico. A ausência da compreensão de Marx nos seus aspectos filosóficos acabará levando ao não-entendimento do método histórico de Marx que tem como categoria central o entendimento da *totalidade*. Entender o desenvolvimento social como totalidade é o que pode levar a uma teoria coerente para uma ação de classes também coerente. Como já afirmado, no plano do ser a totalidade sempre é. Um saber enciclopédico em que não se entenda como ele se *produz* no real de nada serve.<sup>9</sup> Reivindicar a totalidade no plano teórico é reivindicar uma metodologia de estudos e de ação que procure as mediações pelas quais o capital se produz e se reproduz e, portanto, elaborar as estratégias e táticas da luta de classes. Entender a totalidade é adquirir sim conhecimento, teoria, mas um conhecimento que esteja ligado ao entendimento de como ele veio-a-ser no ser social, no *ser-precisamente-assim*<sup>10</sup> deste na qual está sendo desenvolvido. A totalidade, para concluirmos, é parte essencial da metodologia de Marx, porque é



Lukács

totalidade no plano do ser e só depois no do conhecimento.

Portanto, a perda da dimensão da totalidade acaba sendo um ponto convergente entre a burguesia decadente e o novo perfil de luta teórica da Segunda Internacional. Os pontos centrais do marxismo da Segunda Internacional que podemos arrolar para especificar essa falta de teoria e de entendimento da totalidade e que será parte da crítica de Lukács – e de Gramsci também – podem, então, ser facilmente sintetizados.<sup>11</sup> Ao

faltar uma fundamentação filosófica,<sup>12</sup> uma base teórica que seja ao mesmo tempo análise crítica e, portanto, revolucionária da sociedade do capital e da luta de classes implícita nessa sociedade, protegida através da ação do Estado, esse marxismo cairá num “economicismo”.<sup>13</sup> De um lado, todos os determinantes sociais são produtos diretos e sem mediações do econômico, e, por outro, acaba-se em um fatalismo<sup>14</sup> no qual as contradições sociais se acumulam, amadurecem e o capitalismo vai se destruir por si só.

Essa falta de teoria e de compreensão filosófica do marxismo (criticada por Lênin em seus *Cadernos filosóficos*) é um momento refletido da história do capitalismo em que a expansão do capital por novos espaços reprodutivos através do imperialismo levou à formação de um certo padrão de bem-estar para a classe trabalhadora. Não se nega aqui também que conquistas foram feitas na luta travada com a burguesia. Com a expansão do capital, este empurrou para a frente suas contradições, garantiu certa condição para os trabalhadores e destruiu a ação social destes. Tal destruição social, que tem um determinante material bem específico – a expansão do capital –, reflete-se de duas formas no plano dos complexos políticos e da consciência da forma como estes se imbricam: a crença fatalista de conquistas graduais rumo ao socialismo e a fraqueza teórica que acaba justificando essa mesma crença. No que concerne ao desenvolvimento posterior do capitalismo e de sua ideologia específica, isso vai se revelar como uma derrota. Esta levará cada vez mais longe o irracionalismo real do sistema como a ideologia de características irracionais que mistificam e encobrem essas contradições. É assim que, no campo das lutas de classes, o mar-

xismo apregoado pela Segunda Internacional acabou abrindo espaço para o nazi-fascismo e para as formas keynesianas de controle do capital, como o “capitalismo disciplinado” e superador – na cabeça dos ideólogos da ordem, como aqueles que falam do fim das classes<sup>15</sup> e do “fim da história” –, das contradições do sistema e do antagonismo de classes.

#### ATUALIDADE DA IDEOLOGIA IRRACIONAL

Até aqui a intenção era apenas tentar um esboço histórico de como foi possível à ideologia irracional se insinuar através da luta de classes e dos desenvolvimentos básicos do sistema econômico capitalista e, com isso, chegar até hoje. Omitiu-se, é bem verdade, todo um longo trajeto histórico do século XX. Mas era intenção apenas deixar claros

Portanto, é aqui que aparece a questão da luta de classes como determinação do econômico e do desenvolvimento das forças produtivas, mas também como o campo das possibilidades e da *liberdade*.

os momentos cruciais de desenvolvimento dessa ideologia através da decadência ideológica burguesa e da sua luta com os trabalhadores e, aqui, demonstrar a atualidade dessa ideologia. Procurou-se também deixar evidenciados mais dois aspectos desse longo processo de desenvolvimento ideológico. O primeiro é a questão de que o desenvolvimento ideológico se faz através das forças materiais do capitalismo como reino do *necessário* e praticamente inevitável, como é o caso, dos espaços imensos da produção que deslocam a possibilidade de compreensão do mesmo (trata-se da questão das *formas do real*). O segundo é que esse reino de necessidade não pode jamais ser de pura e absoluta determinação mecânica. Se assim não fosse, cair-se-ia caso contrário nas mesmas falácias do marxismo da Segunda Internacional. Portanto, é aqui que aparece a questão da luta de classes como determinação do econômico e do desenvolvimento das forças produtivas, mas também como o campo das possibilidades e da *liberdade*. É nessa dialética que o marxismo deve escrever para o século XXI a sua ética como emancipação tanto de um poder ideológico irracional como do irracionalismo do próprio sistema econômico: as inevitáveis contradições do capital e até onde elas

levam (como o esgotamento energético do planeta e a destruição ambiental).

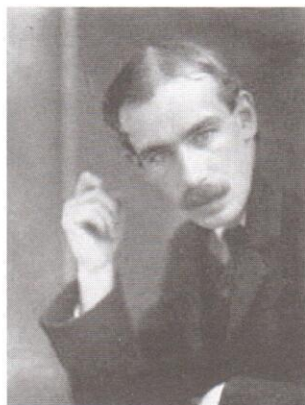
É conveniente lembrar, no entanto, do stalinismo como fator que limitou a ação teórica e com isso um projeto emancipador do marxismo no século XX. No sentido da ação teórica, o stalinismo estaria fatalmente destinado a não dar respostas ao século XX, pois é uma espécie de continuação do marxismo da Segunda Internacional e, assim, acaba por limitar um dos aspectos anteriormente referido no início dessa última parte de nosso trabalho: o campo das possibilidades.<sup>16</sup> Por outra parte, o desenvolvimento soviético, o prosseguimento da revolução, levou a contradições que deixaram em aberto formas pouco afeitas às concepções de uma sociedade livre das relações do capital. É assim que não foi eliminada – e nem ao menos isso se revelou como possibilidade – a *forma mercadoria* dentro da economia soviética, como ainda desenvolveram-se todos os aparatos do complexo industrial-militar (CIM),<sup>17</sup> revelando nessa economia os mesmos aspectos contraditórios do capitalismo. Ainda que houvesse a necessidade de defesa no campo geopolítico, o desenvolvimento desse complexo industrial-militar leva às contradições necessárias da acumulação de capital. As contradições que a economia soviética levou em seu bojo como características de um modelo que não rompeu com o capital – apenas com formas da sociedade capitalista, permanecendo o “metabolismo social” movido pela mercadoria – construíram um quadro de crise imediatamente considerada de forma ideológica (errônea e deformadamente como muitas vezes é feito!) como crise da alternativa socialista. Está mais do que claro aqui como esse modelo que não rompeu com o capital acaba por ceder um enorme espaço no campo de lutas ao desenvolvimento das ideologias do capital e, entre elas, o irracionalismo. Essa ideologia é a mais forte por ser a mais coerente com as bases produtivas do sistema global do capital.

Dado que o capital necessita empurrar para a frente suas contradições e procurar afastar barreiras à reprodução com a necessidade de superar limites reprodutivos como a taxa de lucro, esse sistema assume aspectos cada vez mais totalizantes em relação a todas as dimensões e determinações da realidade: é um mundo cada vez mais *para-si* do capital. O ser historicamente determinado torna-se

um ser determinado cada vez mais pelo capital. Porém, é justamente essa totalidade que o capital deve escamotear, do contrário existe sempre a possibilidade de que se rompam as amarras do controle da sociedade pelo capital. E deve ser escondida, pois facilmente se podem constatar os limites naturais e ecológicos, entre outros, que o capital impõem como contradição sistemática. As formas que o desenvolvimento capitalista recente descobre para poder “fechar a porta” de acesso ao entendimento (tanto no sentido analítico quanto no sentido de forças sociais) dessa totalidade e produzir assim as características ideológicas do irracional é que devem ser brevemente analisadas. Essas formas são o campo de lutas atuais.

A atualidade dessa ideologia, bem como seu desenvolvimento ao longo do século XX, esteve subordinada a uma estrutura econômica movida pelo capital como modo de produção em sua essência irracional. Dessa maneira, o que se deve fazer é evitar pensar no irracionalismo como produto da não-razão humana, que se trata de um abstrato completo como conceito. Um conceito deve ser produto das determinações históricas específicas e concretas. É isso que se procurou fazer com o conceito de ideologia irracional até aqui neste texto. Acontece que o século XX estaria pródigo de oportunidades de aumentar essas determinações que conferem um caráter mais preciso ao conceito de irracional. Um deles, já referido, é a própria dinâmica do capital ao longo do século XX.

A estrutura de classes do capital objetiva-se na realidade como o modo de produção capitalista. Isso quer dizer que a formação social de classes produz uma realidade econômica marcada pela produção controlada por uma classe. No entanto, está necessitando de uma outra que se venda como força de trabalho, por um lado, e seja, por outro, em todas as suas nuances e diferenciações de padrão salarial e de consumo, um mercado consumidor. Essa dinâmica do capital é sua contradição básica (D-M-D' por um lado, enquanto na outra ponta se tem o elemento do subconsumo na expressão dos trabalhadores de serem M-D-M) e elemento alimentador do irracional econômico. Verifica-se tal questão por meio da expansão do capital em seu



Keynes

movimento reprodutivo engendrando enormes forças produtivas e um espaço antropogênico cada vez mais complexo e uma materialidade mais complexa também. Mas na sociedade de se ver livre de sua limitação básica na forma de uma contradição, o capital se valoriza perpetuamente, reproduz-se gerando riqueza abstrata. Isso conduz à sua irracionalidade inerente.

Ao longo do século XX isso se evidenciou claramente na figura de economistas que, como Keynes e Schumpeter, tentavam explorar as potencialidades racionais do capitalismo. O que se viu, no entanto, é que isso se torna impossível quando a taxa de lucro e a crescente reprodução se tornam limitadas. Nesse novo ambiente econômico o capital se transfigura, e mais uma vez há a destruição, então, do arcabouço do Estado de bem-estar social e mais uma vitória da classe detentora dos instrumentos de produção. A expressão empírica desse irracional movido pelos determinantes da contradição básica (D-M-D' contra M-D-M) é buscar fugir às amarras que se põem à reprodução e aos lucros declinantes por meio do movimento de “financeirização” do capital, lógica que parece transformar o capital em um perpétuo alimentador de riqueza sem precisar mais da produção material (devaneios das teorias da sociedade pós-industrial). Nesse sentido, o irracional se põe como uma especulação desenfreada e uma ideologia que o capital não precisa mais dos determinantes da produção material. Fosse isso verdade, a outra expressão empírica dessa irracionalidade não estaria presente, que é a destruição dos recursos naturais através da maior produção material. Nas palavras de Bellamy Foster:

Mas na sociedade de se ver livre de sua limitação básica na forma de uma contradição, o capital se valoriza perpetuamente, reproduz-se gerando riqueza abstrata. Isso conduz à sua irracionalidade inerente.

Estas mesmas décadas de estagnação econômica e explosão financeira foram também décadas nas quais o capital se tornou cada vez mais parasita do ambiente



global. O sistema de acumulação sob capitalismo monopolista globalizado está a minar os processos biogeoquímicos básicos do planeta pelo incentivo a grandes desperdícios e ao crescimento desigual.<sup>18</sup>

No que se refere ao movimento do capital em si, ou seja, a sua necessidade reprodutiva, pode-se dizer que esse é marcado nos últimos vinte anos por uma crescente financeirização de suas possibilidades reprodutivas. Estas criaram um aspecto do capital como uma “economia *voudu*”, de “ganância infecciosa”, etc., que levam a crer que o capital conseguiu superar suas contradições através de um movimento interno a si mesmo. Isso significaria dizer que o capital se reproduziria e se colocaria novamente sem necessidade de enfrentar em todo o seu processo reprodutivo a realidade de mover, sem que se perceba, suas contradições. A economia capitalista se auto-alimentaria. Essa ilusão de um capital autodeterminado e com seu próprio movimento interno, “mecânico” e econômico, independente das lutas sociais, portanto sem contradições e

sem possibilidade de desagregação, está justificada na enorme massa de capital movida no mundo diariamente em busca de lucro: mais de US\$ 2 trilhões movimentam-se diariamente em busca de um lucro especulativo, e apenas 7% desse montante correspondem à produção real de mercadorias.<sup>19</sup> A ilusão gerada por esses traços da especulação, aliada ao poder da mídia na fantasia de um mundo sem fronteiras, de comunicações instantâneas e do poder gigantesco das organizações financeiras mundiais, cria com muita evidência uma base material para se pensar nas impossibilidades não só de entender o todo, mas também de como agir contra esse todo: gera-se a sensação de *inércia ética*. Isso significa que o projeto emancipador e de um campo de possibilidades para se avançar contra o capital acabou. Falta de totalidade, aliada à não-existên-



Schumpeter

cia de possibilidades de ruptura (“fim das ideologias”, da luta de classes e da “história”), configura mais do que claramente o irracional como ideologia.

#### □ PAPEL DO NEOLIBERALISMO

No plano ideológico da teoria econômica, o grande movimento justificador dessa expansão do capital sem fronteiras é o neoliberalismo. Essa farsa teórica não está nem um pouco preocupada com as contradições do capital (no sentido de que os teóricos do neoliberalismo se debruçam sobre o estudo do capital para entender as contradições do sistema) nem com o sentido humano do capitalismo. Por esse motivo, as esquerdas devem ou deveriam esquecer e abandonar resquícios de um passado de acordos entre trabalho e capital: essa época já passou, e o “capital bonzinho” e humano já não mais existe. A farsa teórica neoliberal só funciona – e nesse sentido não é uma farsa – dentro dos seus próprios marcos referenciais, ou seja, sua única preocupação é apressar o fluxo de capital pelo mundo e poder reproduzir mais rápido os lucros e em escala crescente. Para isso é que, aí sim se transformando em farsa, procura mostrar que o caminho e a solução para o desenvolvimento são a abertura de mercados (mercadorias, serviços e capitais), a desregulamentação e a ausência do Estado na economia. Neste último caso isso significa as privatizações.

Pode-se notar que o neoliberalismo em si como teoria econômica é apenas um movimento posto de justificativa da economia do capital: expansão de suas possibilidades ainda atuantes. Torna-se farsa teórica justamente quando justifica o desenvolvimento econômico e possibilidades de desenvolvimento ao romper com conquistas sociais que limitavam e controlavam a voracidade do sistema produtor de mercadorias. Aqui o capital, amparado pelo neoliberalismo, acaba por abrir espaço para um padrão não mais de civilização. Passa-se a ter um padrão crescente de barbárie, sofreguidão humana, miséria crescente não só na periferia do sistema, mas também nos países centrais. O neoliberalismo abre espaço para o crescente fluxo de migrações humanas pelo mundo, guerras como for-

Pode-se notar que o neoliberalismo em si como teoria econômica é apenas um movimento posto de justificativa da economia do capital: expansão de suas possibilidades ainda atuantes.

ma de ampliar lucros do complexo industrial-militar e, por fim, todos aqueles aspectos ligados à própria existência humana em um mundo no qual predomina o estranhamento. Tornam “normais” o egoísmo, o cinismo, a “servidão voluntária”, o desprezo pela política (no sentido de complexo político e campo de mudanças), o uso de entorpecentes, etc. Tudo isso marca de forma muito clara um padrão cultural de descivilização.

Poder-se-ia prosseguir no texto e explicitar muito mais os temas atuais aqui presentes. Ver-se-ia que o desenvolvimento de todos os aspectos atuais do irracionalismo exigiria que se mostrassem mais características ainda da economia do capital atual bem como o campo de lutas que possibilitou parte da vitória do capital e o desenvolvimento muito mais fácil desse padrão de descivilização que corresponde, no plano ideológico, ao irracionalismo.

Uma evidente vitória do capital nesse campo de lutas que conduz a esse padrão de descivilização é a crescente fragmentação da classe trabalhadora bem como a constante perda de seus direitos conseguidos ao longo de meio século de lutas sociais. Não apenas na periferia do sistema, mas também no centro.

Também poderiam ser desenvolvidas aqui, além do campo de lutas e da economia do capital, questões ainda referentes aos meios de comunicação como suporte material, empírico, técnico, das informações e da ideologia, como da cultura atual e ainda os aspectos referentes à indústria de comunicação dentro dessa cultura. Deveriam, também, ser desenvolvidas questões referentes à existência humana nesse novo padrão socioeconômico de descivilização e muito mais. É possível ver, portanto, que não se tem um texto apenas, mas sim um plano inteiro de estudos e lutas pela frente para poder restaurar em toda a integridade um novo projeto social emancipador. Um projeto que deverá ser, necessariamente, assentado sobre a melhor compreensão teórica e prática – e nesse sentido crítico-revolucionária –<sup>20</sup> até hoje dada ao capital e ao capitalismo: o marxismo.

## NOTAS

<sup>1</sup> É importante que aqui se tenha a precisa clareza dialética para se perceber a diferença e ao mesmo tempo a confluência de processos históricos determinados, ou seja, precisamente localizados no

tempo e no espaço, em condições locais de existência de suas possibilidades e os processos econômicos de fundo e ontológicos, como é o caso das potencialidades do capital em elevar as forças produtivas humanas. Em outros termos, devemos, de um lado, perceber a conjuntura histórica que leva uma classe ao poder e as vicissitudes desse processo – com todas as suas determinações e especificidades históricas – e, do outro lado, perceber que, nesse caso específico da burguesia, tem-se um processo revolucionário do ponto de vista do ser social, pois significa a elevação das forças produtivas da humanidade e, portanto, um novo patamar civilizacional. Mas da mesma forma que se devem distinguir tais processos deve-se confluí-los para notar que aquele de fundo ontológico não se realiza por *necessidade*, mas se realiza, também, por meio da afirmação política de luta de classes – é o espaço da *liberdade* contra a *necessidade*, onde a correta determinação de processos históricos e ontológicos pode acabar com esse antagonismo. Caso a postura antagonista dos trabalhadores perante a Segunda Internacional tivesse sido outra, a força do capital e da classe que o tem em suas mãos, como o fogo de Prometeu que essa classe conduz, poderia ter sido alterada.

<sup>2</sup> Leandro Konder, *Os sofrimentos do “homem burguês”* (São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000), p. 11.

<sup>3</sup> Apesar de várias fraturas operadas no real por forças contrárias especialmente na perspectiva mundial onde revoltas periféricas ao sistema socioeconômico do capital central têm mostrado a possibilidade de alternativas.

<sup>4</sup> Ver o que Lukács fala a respeito da fragmentação do conhecimento como símbolo da decadência ideológica no texto “A decadência ideológica e as condições gerais da pesquisa científica”, em José Paulo Netto (org.), *Lukács* (São Paulo: Ática, 1981).

<sup>5</sup> Não é possível aqui desenvolver todos esses temas, pois estão além dos limites deste trabalho. Indica-se para as questões referentes Marcelo Mücke Doti, *Capitalismo e ser social: o afastamento das barreiras naturais e o irracionalismo em Lukács*, dissertação de mestrado, Unesp, FCL/Araraquara, 1999.

<sup>6</sup> Em um outro trabalho que se está desenvolvendo, procura-se dar relevo a esse aspecto de certa forma ignorado pelo marxismo ao longo do século XX: a questão da relação entre os espaços sociais e geográficos como manifestação da reprodução do capital e sua relação com a consciência sensível do homem. É por isso que se usam alguns conceitos como *formas do real e consciência sensível*.

<sup>7</sup> Ver sobre esses aspectos instigantes da relação entre desenvolvimento social e representação o livro de Nelson Brissac Peixoto, *A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade* (São Paulo: Brasiliense, 1982).

<sup>8</sup> “Na política existe apenas um princípio e uma verdade: o que constitui vantagem para o meu inimigo me fere e vice-versa” (Lênin, *apud* Adam B. Ulam, *Os bolcheviques* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976), p. 257).

<sup>9</sup> “Em favor dessa concepção, adota-se [os românticos] freqüentemente o argumento de que a extensão da ciência moderna atingiu uma amplitude que não mais permite à capacidade de trabalho de um só homem dominar enciclopedicamente todo o campo do saber humano – ou, pelo menos, seus largos setores – sem abandonar o nível científico e cair no diletantismo [...] Todavia, por mais atraente que possa parecer este argumento, à primeira vista, nem por isso deixa de ser inteiramente equivocado. O fato de que as ciências sociais burguesas não consigam superar uma mesquinha especialização é uma verdade, mas as razões não são as apontadas.

Não residem na vastidão da amplitude do saber humano, mas no modo e na direção de desenvolvimento das ciências sociais modernas. A decadência da ideologia burguesa operou nelas uma tão intensa modificação que não se podem mais relacionar entre si, e o estudo de uma não serve mais para promover a compreensão da outra. A especialização mesquinha tornou-se o método das ciências sociais". (Citado na nota 3) Na atualidade, com a gigantesca massa de informações de que se dispõe, crê-se na impossibilidade da totalidade. Não é essa 'amplitude' que impede a concepção de totalidade mas a forma como ela se dá, como ocorre a pesquisa e o que se entende por totalidade. Totalidade deixou de ser determinação para ser a informação, deixou de ser o campo da mediação, o que está nos "meandros científicos" e não o conhecimento acumulado. Claro que não se pode descartar o próprio conhecimento sob pena de se cair no niilismo e em um voluntarismo marxista que nada transforma (José Paulo Netto (org.), *Lukács*, cit., p. 122).

- <sup>10</sup> Esse conceito está na *Ontologia* de Lukács e refere-se ao estudo daquilo que é específico nas relações precisas de determinado momento do ser social.
- <sup>11</sup> Ver Guido Oldrini, "Gramsci e Lukács, adversários do marxismo da Segunda Internacional", em *Crítica Marxista*, nº 8, São Paulo, Xamã, 1999, pp. 67-80.
- <sup>12</sup> "Ela depende principalmente da circunstância de que, não tendo Marx e Engels conseguido, por motivos independentes da sua vontade, levar a termo a construção de um sistema filosófico do marxismo, os marxistas que vieram depois deles encontram-se muito freqüentemente deslocados e indefesos em relação aos adversários, sem um sistema doutrinário para opor às suas críticas, e acabaram aprofundando a aridez daquele ecletismo incoerente, segundo o qual seria preciso 'completar', de fora, as doutrinas econômicas de Marx, por exemplo, com Mach no plano físico, com Kant no plano ético e com as teorias positivistas da arte no plano estético [...]" (cf. Guido Oldrini, "Gramsci e Lukács, adversários do marxismo da Segunda Internacional", cit., p. 69).
- <sup>13</sup> "Deve-se exatamente a essa ausência de princípios o fato de o marxismo da Segunda Internacional sofrer deformações e profundas desfigurações. Elas dizem respeito tanto ao plano filosófico quanto ao plano político. No plano filosófico, o marxismo tropeça em limites de caráter economicista, pois a

maioria tende a fazer dele uma doutrina de uma só linha (*unilineare*), na qual a economia determina rigidamente todos os outros planos da realidade" (*ibidem*).

- <sup>14</sup> "Esse determinismo de ordem filosófica – que se prolonga muito além da Segunda Internacional, até alcançar também boa parte do desenvolvimento do marxismo soviético no período stalinista [falaremos adiante sobre isso (nota nossa)] – converte-se depois, por sua vez, no plano político, em uma espécie de fatalismo. Da lei marxiana do crescimento inevitável das contradições do capitalismo deduz-se imediatamente a consequência que, no ato em que as contradições amadurecem e explodem, a derrocada do capitalismo ocorre por si mesma" (*ibidem*).
- <sup>15</sup> Ver a esse respeito o que fala Chomsky em sua entrevista publicada, *A minoria próspera e a multidão inquieta*, quando se refere à palavra que não se pode falar dentro da sociedade norte-americana, ou seja, falar de *classes sociais*.
- <sup>16</sup> Quanto a esse aspecto do stalinismo e sua relação teórica com a Segunda Internacional, ver novamente o texto de Guido Oldrini, "Gramsci e Lukács, adversários do marxismo da Segunda Internacional", cit., p. 78, em que o autor faz uma breve referência ao assunto quando aborda a luta de Lukács e Gramsci nos anos 1930 como luta tanto contra os limites filosóficos do marxismo que a Segunda Internacional desenvolveu como luta também contra o marxismo dominante, o stalinismo, que herdou as "vulgarizações da Segunda Internacional, acrescentando-lhe depois absurdos e deformações por conta própria".
- <sup>17</sup> P. A. de Lima Filho, *O complexo industrial militar: o caso do Brasil*, tese de doutorado (São Paulo: PUC, 1993).
- <sup>18</sup> John Bellamy Foster, *O fim do capitalismo racional*, texto inédito, fruto de uma conferência feita em 18-12-2004 para os alunos do Departamento de Economia da Universidade de Istambul/Turquia. Pode-se ter acesso à cópia desse texto através do sítio da *Monthly Review* ou do site [www.resistir.info](http://www.resistir.info).
- <sup>19</sup> Ronaldo Fonseca, *Marxismo e globalização* (Porto: Campo das Letras, 2002), p. 190.
- <sup>20</sup> Ver a respeito Hector Benoit, "Pensando com (ou contra) Marx? Sobre o método dialético de *O capital*", em *Crítica Marxista*, nº 8, São Paulo, Xamã, 1999, pp. 81-92.